



DOI: 10.12957/transversos.2023.72659

**O QUE SIGNIFICA SER UM PROFESSOR YOUTUBER DE HISTÓRIA?
APONTAMENTOS SOBRE ATIVIDADE DOCENTE, PRÁTICAS E
VISUALIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO YOUTUBE**

**WHAT DOES IT MEAN TO BE A HISTORY YOUTUBER TEACHER?
NOTES ON TEACHING ACTIVITY, PRACTICES, AND VISUALITIES FOR
TEACHING HISTORY ON YOUTUBE**

Pedro Botelho Rocha

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

pedro.botelho.rocha@gmail.com

Resumo:

Através da análise de entrevistas de três professores que produzem vídeos de História para o site do YouTube, este presente trabalho tem como objetivo investigar a categorização de um determinado perfil docente, na qual a literatura do Ensino de História e Mídias Digitais têm chamado de Professor Youtuber, destacando suas características e elementos didáticos, pedagógicos, metodológicos e historiográficos que perpassam sua atividade. Também pretendemos enfocar aspectos do próprio entendimento e auto-avaliação que esses professores possuem de suas produções audiovisuais dentro de uma mídia social digital de relevância, como é o site do YouTube, e suas possíveis conexões com o universo de influenciadores digitais, personalidades da cultura digital.

Abstract

Through the analysis of interviews with three teachers who produce history videos for the YouTube website, this present work intends to investigate the categorization of a specific teacher profile, which the literature on History Teaching and Digital Media has named Youtuber Teacher, pointing out their characteristics and didactic, pedagogical, methodological and historiographic elements that run through their activity. We also intend to focus on aspects of the understanding and self-evaluation that these teachers have of their audiovisual productions within a relevant digital social media, such as the YouTube website, and their possible connections with the universe of digital influencers, digital culture personalities.

Palavras-Chave: Ensino de História; Mídias Digitais; Professores Youtubers; Saberes Docentes.

Keywords: History Teaching; Digital Media; Youtuber Teachers; Teacher Knowledge

1. Introdução

Não é grande novidade observar os novos paradigmas que vão surgindo quase que diariamente com o desenrolar da cultura digital nas sociedades contemporâneas. Os fenômenos a ela pertencentes geram tantos impactos quanto novos temas e objetos de pesquisa acadêmica por parte das Humanidades, como temos visto nos últimos anos. Adicionando a esse cenário, temos galopantes taxas de conectividade em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, além da expansão de consumo de aparelhos eletrônicos e toda a sorte de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs).

A internet pode ser facilmente percebida, em nosso presente momento, como um item básico para o desenvolvimento econômico, social e cultural, seja na esfera individual ou coletiva. As dimensões sobre esse aspecto de importância são quase inesgotáveis. Fazemos contatos e negócios; trocamos informações, imagens, sons ou textos em arquivos; passamos horas consumindo conteúdo disponível em vários lugares da rede, comungando com outros usuários e instituições digitais. Para Susca, novas sensibilidades surgem da subversão da técnica, uma nova experimentação social digital:

A técnica deixa de ser arte do logos, a ferramenta da lógica: “tecnologia” para se tornar “tecnomagia”, totem em torno do qual tribos pós-modernas experimentam o êxtase místico que é, ao mesmo tempo, pura vibração em torno do corpo comunitário e fuga por algo maior que si mesmo. [...] A experiência desenvolvida progressivamente no interior da cultura digital revela, na verdade, o surgimento de uma sensibilidade, inaugurando uma sinergia original entre a mente e os sentidos, entre o agir racional e o pensamento mágico (SUSCA, 2017, p. 4-5)

Essas implicações também afetaram e continuam afetando a cultura de milhões de jovens que seguem estabelecendo novas formas de sociabilidade, de ser e estar no mundo:

Os jovens que pertencem a essa geração usam a internet para tudo: para o entretenimento, para aprendizagem, para a comunicação e para consumir. Esses jovens foram crescendo junto com o desenvolvimento da internet. [...] É importante perceber que a tecnologia faz parte de uma nova configuração social e cultural, que altera os modos de ser jovem, atribuindo novas características e signos que marcam a presença da juventude no mundo e sua alteridade (ALBACH, 2018, p. 224).

O YouTube, é, sem dúvidas, um dos “totens” mais poderosos da cultura digital. Segundo site mais acessado do mundo, foi criado em 2005 por ex-funcionários do site de pagamentos PayPal, e vendido para a Google em 2006. É o repositório de vídeos online de maior relevância, com 500 horas de conteúdo adicionadas por minuto, possuindo um status de quase monopólio desse tipo de plataforma (RODRIGUES, 2021, p. 176-177). Os demais números que compõem as estatísticas do YouTube impressionam pelo poder de alcance, consumo e movimentação de milhões de usuários, todos os dias, incansavelmente. Segundo Borges e Kamigouchi, “o YouTube é uma plataforma especializada no

compartilhamento de vídeos na internet, a qual é utilizada para muitas finalidades, dentre elas: entretenimento; promoção pessoal; divulgação de conteúdo amador e profissional; e até mesmo para fins lucrativos por meio da monetização” (BORGES; KAMIGOUCI, 2020, p. 38)

Assim como ocorre com muitos outros elementos da cultura digital, as pesquisas acadêmicas também buscaram compreender o YouTube e seus prováveis papéis na educação, fosse como um espaço para ensinar e aprender, buscar informações, ou talvez um recurso pedagógico para dinamizar e ilustrar aulas das mais diversas disciplinas escolares. Nos parece correto dizer que há uma forte demanda social por compreender os limites e possibilidades dessas ferramentas digitais de comunicação e informação, dentro e fora do espaço escolar, como produtoras de conhecimento:

Tanto no plano cognitivo como no da organização do trabalho, as tecnologias intelectuais devem ser pensadas em termos de articulação e de criação de sinergia. [...] Com esse novo suporte da informação e da comunicação, emergem gêneros de conhecimentos inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores da produção e um tratamento original dos conhecimentos (SETTON, 2010, p. 101-102)

Para Arruda, não devemos apenas nos concentrar em conceber essas novas mídias e tecnologias digitais em seu viés fetichista, alienante ou de comunicação massiva, mas destacar novos aspectos como a compreensão do que os indivíduos fazem e desenvolvem dentro destas mídias. É preciso então destacar a alteração da unilateralidade da comunicação midiática para a multilateralidade que permite aos indivíduos se posicionarem sobre tudo o que é produzido (2013, p. 233-234). O desafio, portanto, é conceber uma educação através de mídias que se preocupe em estimular a capacidade de filtrar, interpretar e reorganizar o forte fluxo de informações que chegam a todo momento, dando sentidos mais amplos para a produção de conhecimento.

Dentro deste universo midiático onde a cultura digital é construída e compartilhada, o conhecimento histórico também tem seus meios de produção e disseminação. Afinal, perceber e interpretar as ações humanas através do tempo é uma necessidade tão própria ao indivíduo e sua cognição, quanto ao meio social no qual está inserido. Tratando especificamente do maior site de exibição de vídeos online do mundo, encontramos algumas produções acadêmicas recentes que versam sobre como o YouTube está atrelado ao ensino de História, ora inserido como ensino formal, ora como ensino não formal:

Ao nos depararmos com a produção de História em vídeos do YouTube, estamos diante do ensino público da História, uma experiência que, embora dialogue com todos os arquétipos a que estamos habituados no cotidiano escolar (conteúdos, prescrições,

conformações disciplinares etc.), também rompe com eles na medida em que estabelece ritmos próprios de apresentação, construção e apropriação (MELO; MENESES, 2021, p. 348)

Nos últimos anos, passamos a observar, em particular para a disciplina de História, que muitas produções audiovisuais com objetivos educacionais foram depositadas na plataforma do YouTube. A literatura sobre o tema denomina costumeiramente essas produções como videoaulas, termo que utilizaremos para este trabalho. Professores têm criado canais, divulgado materiais que foram minuciosamente pensados, roteirizados, gravados, editados e disponibilizados no site, engajando uma considerável quantidade de consumidores que demandam por vídeos que didatizam o conhecimento histórico.

Assim, o conhecimento histórico escolar se encontra com uma série de outros conhecimentos de ordem técnica, midiática e comunicacional, fazendo com que a atividade de ensinar História através do YouTube se torne uma amálgama de novos e tradicionais saberes docentes. Surge aí uma nova configuração de professor: o Professor Youtuber.

Este trabalho busca investigar as formas que o Professor Youtuber de História edifica seu trabalho na cultura digital através de suas videoaulas, os sentidos que compreende, as relações pedagógicas que desenvolve, as diferenças entre a cultura escolar e a cultura digital, as visualidades que marcam suas trajetórias nas redes, além de outros elementos que dão significados a essa atividade.

Dividiremos este trabalho em duas partes. Primeiramente, vamos analisar como os professores enxergam seu trabalho no YouTube, buscando compreender as relações entre trajetórias, formação docente, concepções pedagógicas e a conceituação do trabalho do Professor Youtuber dentro da cultura digital e suas aproximações e distanciamentos com o perfil dos influenciadores digitais. A segunda parte identificaremos as diferenças entre ensinar História dentro do espaço escolar e no YouTube, ressaltando as diferentes formas de didatização do conhecimento histórico, as linguagens midiáticas dentro da lógica da produção audiovisual e diferentes práticas pedagógicas.

2. O ethos do Professor Youtuber de História

Para que possamos definir o que faz parte do trabalho deste específico perfil docente, é preciso retroceder um pouco e dimensionar o que um usuário e frequente produtor de fato faz no site do YouTube. Elencaremos alguns pontos importantes para quem tem como atividade

rotineira a produção de vídeos para disponibilizá-los em seu canal.

2.1 Youtubers e Influenciadores Digitais: alguns conceitos básicos

No trabalho de Bernardazzi e Costa, as autoras colocam o YouTube como um ponto de virada na mudança no consumo de mídias audiovisuais, proporcionando agora que os usuários não só busquem informação, mas também interação (2017, p. 148). O fruto dessa interação é a transformação do YouTube em uma comunidade que consome e produz constantemente, seja de maneira espontânea, com conteúdo amador, ou através de todo um aparato profissional e técnico, pois “o YouTube abrange tanto profissionais do mercado de trabalho audiovisual, que perceberam no site uma possibilidade de divulgação quanto aos usuários que têm conhecimentos básicos de produção audiovisual” (2017, p. 152).

Para Motta, Bittencourt e Viana, o YouTube permitiu ao próprio usuário se converter em um canal de comunicação, postando vídeos e agregando outros usuários, modificando a opinião pública sobre diversos temas (2014, p. 4). Isaaf Karhawi define que “participar está diretamente relacionado a mostrar-se, implodir a dicotomia entre o público e o privado” (2017, p. 48). Já para Mario Carlón, embora o autor enfatize que os indivíduos possam tomar o poder da circulação discursiva nas redes, é importante também registrar a chegada de grandes empresas de mídias, comunicação e entretenimento, que revolucionaram a cadeia de produção e consumo no YouTube (2013, p. 113).

Os indivíduos que se dedicam a produzir conteúdo audiovisual para o YouTube são genericamente denominados de Youtubers, o que esconde o trabalho multiplataforma que normalmente é feito para gerar engajamento com o público, seja através de outros sites e redes sociais como Instagram, Facebook, Twitter, etc. Embora muitos dos Youtubers tenham surgido de maneira espontânea e intuitiva, o que reforça esse perfil de produtor como diverso e dinâmico, é importante ressaltar que, “esse produtor de conteúdo entende o mercado atual, a linguagem visual empregada nos vídeos publicados e, além disso, examina como se desenvolve o processo de trabalho e a relação do seu canal com a audiência” (BERNARDAZZI; COSTA, 2017, p. 149).

Portanto, os Youtubers são usuários produtores de vídeos que entendem as linguagens da comunicação midiática que pertence a cultura digital, manejando todo um grande conjunto de signos que constrói redes de sentidos para os usuários que compartilham e frequentam os mesmos espaços digitais. O crescimento da relevância social desses indivíduos não dependeria

de aspectos puramente técnicos de suas produções, mas um trabalho de captação e fidelização de sua audiência em grande alcance, formando grupos coesos em torno daquele Youtuber (BERNARDAZZI; COSTA, 2017, p. 152). Na visão de Motta, Bittencourt e Viana, “essa agregação dos sujeitos em grupos de interesse comprova a ideia de que os Youtubers podem ser considerados líderes de opinião, em função do volume de pessoas que recebem suas mensagens e da discursividade que se estabelece em seus vídeos” (2014, p. 4).

As pesquisas acadêmicas nos campos da Comunicação e Sociologia têm demonstrado certa regularidade em identificar essas personalidades que movimentam grande parte da opinião pública nas redes e mídias sociais digitais como influenciadores digitais ou, em menor grau, prosumers. Os Youtubers seriam, portanto, pertencentes a essa categoria de indivíduos que se destacam, com altas taxas de popularidade. O que mais define um influenciador digital? Teríamos a condição de estar frequentemente produzindo conteúdo, mobilizando e captando novos usuários para seu público e a construção da legitimação por parte desse público (KARHAWI, 2017). Como parte desse jogo, os influenciadores digitais tendem a iniciar o processo de profissionalização do seu conteúdo:

Com a organização do negócio os influenciadores passaram a ter: visibilidade, periodicidade, parceria com marcas, entrega (de conteúdos), acompanhamento (monitoramento), relevância e foco no conteúdo. Falamos de um cenário contemporâneo instituído, com lógicas próprias de funcionamento e que gera impacto comunicacional e econômico. [...] As gravações de vídeos, os posts, aparentam não sofrer mudanças, mas com a dimensão que os influenciadores ganham, são formadas equipes que envolvem jornalistas, secretários, produtores, agentes que auxiliam este agora influenciador / marca / negócio. Ao fazer parcerias com as marcas, os influenciadores levam: alcance do público, proximidade, linguagem especializada para canais de nicho e a influência do consumo (CAMARGO; ESTEVANIM; SILVEIRA, 2017, p. 104)

Os Youtubers têm de maneira muito clara um saber fazer dentro da cultura digital, que perpassa a apropriação sistemática de unidades discursivas que geram impacto e engajamento com um público quase sempre fidelizado ou em processo de fidelização. Os discursos que são apropriados e veiculados na forma de vídeos carregam informações que são rapidamente consumidas e disseminadas em um fluxo condicionado pela relevância e respaldo que aquele influenciador possui. Assim, “a informação apresentada influencia os usuários por meio da atenção. A informação apresentada é manipulada pelo youtuber por meio de memórias e sensações, uma vez que a audiência dos canais estabelece com eles uma relação de interesse (MOTTA, BITTENCOURT; VIANA, 2014, p. 20). Os Youtubers, enquanto personalidades dotadas de signos de legitimidade, tornam-se indivíduos capazes de modificar os elementos que

constituem a produção de conhecimento:

Os sentidos, ou mediadores dos sentidos, entre eles as mídias e suas celebridades, e os discursos, dotados de sentido que as mídias difundem, são importantes politicamente porque expressam uma ideia, um posicionamento. [...] O discurso que conseguir maior visibilidade será o que obterá mais adeptos. O significado dos discursos não surge das coisas em si, mas dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são e estão inseridas (SETTON, 2010, p. 21)

2.2 Professores Youtubers de História: definições, características e visualidades

No contexto da sociedade de rede e a comunicação e informação digital, Mota, Melo e Andrade pensam a relação entre a figura do educador, de uma maneira mais ampla, e o influenciador digital, estabelecendo algumas intersecções, como a capacidade de motivar e influenciar seu público, criar conteúdos que veiculam informações, etc:

Ao desenvolver as suas atividades na área da educação formal, o professor tende a estimular o aluno a perceber sobre a realidade em que ele está inserido, e isso afeta diretamente o comportamento e a compreensão do educando a respeito do seu papel nesse contexto, que de certa forma assume a condição de ser influenciado pela postura mediadora do docente. (MOTA; MELO, ANDRADE, 2019, p. 2)

Para os autores citados, a circulação informativa das mídias digitais cria processos de desterritorialização das práticas e ensino-aprendizagem, cada vez mais fluida e ubíqua, gerando impactos nas relações de comunicação, inclusive no espaço escolar. Dessa forma, a educação formal deveria repensar seus modelos e suas funcionalidades a partir de um ensino colaborativo e que aproveite o cenário que potencializa a criatividade e extrapola e integra os campos do ensino formal, não-formal e informal (MOTA; MELO; ANDRADE, 2019, p. 4). Portanto, o trabalho do professor frente às novas tecnologias digitais deve ser voltado para mediar o conhecimento científico e escolar em novos suportes comunicacionais presentes nas redes, incentivando diversas formas de aprender, produzir, remodelar, armazenar e compartilhar conteúdos e informações.

O YouTube tem recebido grandes quantidades de conteúdo educacional na última década, seja ele de natureza amadora ou profissional. Isso representa uma nova percepção que muitos professores, sejam eles jovens ou experientes na atividade docente, têm sobre o site e suas potencialidades (ROCHA; ANDRADE, 2022, p. 144). Basicamente, o conceito de Professor Youtuber representa esses profissionais docentes que mergulharam na cultura audiovisual digital, se apropriaram de determinados conceitos e conhecimentos técnicos da comunicação e, através da solidificação dessas bases, produziram vídeos para fins de ensinar conteúdos e disciplinas

escolares:

Existem narrativas históricas produzidas, seja no quarto de dormir ou no estúdio de empresas, em vídeos para o YouTube, que são divulgadas em diversos ambientes virtuais carregados de princípios e estratégias e que geram uma determinada aprendizagem histórica que dialoga com as estruturas conceituais de História dos estudantes ao mesmo tempo em que instauram novas apropriações (MELO; MENESES, 2021, p. 353)

Seria o YouTube uma via para promoção pessoal e profissional, impulsionando carreiras ou possibilitando projeções financeiras através da monetização dos vídeos? As evidências podem apontar algo diferente dessas inspirações. Primeiramente, precisamos partir de alguns pressupostos: os Professores Youtubers são formados profissionalmente em suas áreas de atuação (licenciaturas); possuem experiência em sala de aula (ensino formal); sabem como a linguagem do YouTube e das outras mídias sociais digitais funcionam e da influência que elas exercem nos vídeos que produzem; por fim, integram os saberes docentes de sua atuação com a comunicação midiática audiovisual.

Para verificarmos esses pressupostos, compartilharemos e analisaremos os resultados das entrevistas com três professores que desenvolvem videoaulas para seus canais de História no YouTube. Os canais escolhidos foram: Profa Anelize¹, criado por Anelize Vergara, conta com 49,5 mil inscritos e mais de 2 milhões de visualizações em 165 vídeos postados no site; MundoEdu², liderado pelo professor Éderson Gaike da Rosa, o professor Bussunda, que possui 449 mil inscritos e mais de 20 milhões de visualizações em 489 vídeos divididos entre História e outras disciplinas; e, por fim, o Se Liga - Enem e Vestibulares³, criado pelo professor Walter Solla, e tem 1,56 milhão de inscritos, mais de 74 milhões de visualizações e 644 vídeos entre História e outras disciplinas de Humanidades e Linguagens.

Dos três professores de História que produzem videoaulas para o YouTube que foram entrevistados em nossa pesquisa, todos eles passaram pela trajetória acadêmica da graduação. A professora Anelize, licenciada em História pela Universidade de Campinas, destaca que sua formação universitária foi mais concentrada na pesquisa histórica, ao passo que sua construção como professora esteve mais ligada aos anos iniciais de sua carreira docente. O professor Éderson, o Bussunda, licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Maria, aponta sua experiência em cursos pré-vestibulares dentro da universidade como determinante para sua

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@profanelize>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/@MundoeduBrOficial>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@SeLigaEnemVestibulares>

constituição dos saberes de experiência. O professor Walter, formado pela Universidade de São Paulo (USP), também teve no ensino básico seu amadurecimento enquanto docente.

Quando foram perguntados sobre o papel como professor, a professora Anelize enfatizou três pontos principais: instigar o senso crítico, a autonomia nos alunos e a importância da formação escolar para a vida. O professor Bussunda tenta fomentar o interesse nas ciências humanas, afirmando que “o professor, em especial o de História, seja o último contato que o aluno vá ter com as Humanidades em sua vida de estudo” (ROSA, 2021). O professor Walter destaca seu trabalho como parte de um grande movimento na educação, com várias metodologias, formas de ensinar e aprender, isto é, realçando a diversidade de estabelecer o processo pedagógico.

Os professores também demonstram um grau muito claro de distinção em seus trabalhos audiovisuais. Perguntados sobre o papel de ser professor no YouTube, responderam da seguinte maneira: professora Anelize pretendia ocupar um espaço, “fazer a diferença” dentro da plataforma, dialogar com a História nesse espaço da cultura digital, afinal, como ela aponta, há um certo preconceito acadêmico em estar produzindo conteúdo nessas mídias digitais. Porém, ela não se considera uma influenciadora digital, pois acredita que esse personagem está mais vinculado ao processo de consumo nas redes, além de ser algo que começa, segundo ela, sem planejamento, de maneira espontânea, impulsiva.

O professor Bussunda não se vê como um Youtuber, preferindo se identificar enquanto um profissional docente que foi contratado por uma empresa, o MundoEdu, para prestar um serviço, isto é, gravar aulas de História. Assim, a atividade no YouTube foi secundária, diante da sua carreira como professor do ensino básico. Citando o caso da professora Débora Aladim, que possui um canal com 3,2 milhões de inscritos⁴, criado na sua época de estudante de ensino médio, e que é formada recentemente em História pela UFMG, o professor Bussunda diz que:

Ela é uma Youtuber que agora formou-se em História. Eu sou um professor de História, que já tinha todo um entendimento da História antes, uma formação anterior, que por consequência de um trabalho anterior, fui parar no YouTube. [...] A gente entende o “ser Youtuber” é quase um sacerdócio, de você ter que se envolver com aquilo e responder por aquilo o tempo todo (ROSA, 2021).

O professor Walter cita a importância de se respeitar o trabalho historiográfico, superando a atmosfera de desconfiança e negacionismos que o YouTube carrega pelo seu alto

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@deboraaladim>

volume de informação. Assim, seu trabalho seria trazer um conteúdo mais didático e menos acadêmico, facilitando a apreensão do conhecimento histórico pelo seu público. Na sua visão, há uma distinção no processo de percepção do Professor Youtuber: “eu acho que o professor de YouTube é mais visto como Youtuber do que professor, quando na verdade ele é um professor que se utiliza de uma ferramenta” (SOLLA, 2021).

Através das considerações dos professores entrevistados, fica evidente uma tentativa de desconectar dois personagens de culturas aparentemente distantes: o professor, pertencente à cultura escolar, e os influenciadores digitais, celebridades das mídias sociais digitais. No entanto, acreditamos que, assim como defendido por Mota, Melo e Andrade, há uma amálgama de práticas, um saber fazer típico dos indivíduos que se manifestam inseridos na cultura digital. Os Professores Youtubers, em especial, exaltam a visualidade, o apelo imagético audiovisual, a captação de atenção de seu público e a disseminação de unidades discursivas. Para Arosa, é importante lembrar que:

Videoaulas, canais que empregam a temática histórica ou declarações de influenciadores digitais acerca de algum período, processo ou fato histórico têm sido cada vez mais as referências citadas por aqueles estudantes que se valem desta gama de possibilidades de acesso à informação e conhecimento que é a internet (AROSA, 2019, p. 2)

Além disso, há todo um manejo de elementos comunicacionais que faz com que os Professores Youtubers dominem diversas formas de linguagens da cultura digital, como parte do processo criativo, operacional e estratégico para se consolidar nas redes. Por exemplo, a professora Anelize exalta a parceria técnica com um profissional da comunicação responsável pela edição dos vídeos, cortando trechos, adicionando hipertextos e imagens, além de outros recursos. Há uma clara preocupação estética como forma de atração.

Como estratégia de engajamento, a professora Anelize busca responder, na medida do possível, os comentários deixados pelo público em seus vídeos, assim como o professor Walter. Percebemos na interação uma das ferramentas básicas para que o público entre no processo de fidelização, outra prática recorrente nos influenciadores digitais. O professor Bussunda, assim como Anelize, produziram e organizaram suas videoaulas de História baseados nos currículos do Ensino Médio e vestibulares, criando configurações próprias, que é outra tendência entre os Professores Youtubers.

No entanto, afirmaram que os temas que poderiam gerar mais repercussão e atenção do público eram privilegiados na ordem de disponibilização em seus canais. Nas palavras do

professor Bussunda, “a gente usava esse critério que envolvia toda a parte didático-pedagógica real, e depois a fila de gravação ia por uma parte de mercado, o que a galera estava procurando” (ROSA, 2021). Para Anelize, foi fundamental se aprofundar no estudo dos mecanismos algorítmicos do YouTube, responsáveis pela disseminação dos vídeos nos perfis dos consumidores. “Às vezes você tem o conhecimento técnico [...], mas precisa de mobilizar todo esse esquema de entender o algoritmo, de saber que você tem que comprar o microfone X para fazer a gravação. Não é só saber o conteúdo” (VERGARA, 2021).

Já para o professor Walter, houve um apoio importante da própria plataforma. “Quando a gente monta um canal e ele passa de uns cinco mil inscritos, a gente foi muito bem recebido pelo YouTube Space São Paulo” (SOLLA, 2021). Seu canal, o Se Liga - Enem e Vestibulares, foi uma parceria com o produtor Ary Neto, responsável pelos recursos de edição. Assim, desde o início do projeto no YouTube, Walter compreendeu a importância dos saberes técnicos como forma de obter êxito. Segundo ele, “a comunicação no trabalho audiovisual, ela vai muito além da comunicação que eu deixei no roteiro e que eu estou falando ali. A comunicação está na thumb, que é a miniatura do vídeo. A comunicação está nos comentários que o vídeo incita” (SOLLA, 2021).

3. Ensinar História no YouTube: entre a didática, o entretenimento e o conhecimento histórico

Como já dissemos anteriormente, os elementos técnicos e comunicacionais influenciam no aparato metodológico da gravação da aula. A professora Anelize diz que “coisas que durante uma aula normal, assim, eu não conseguiria fazer. Daí, eu aproveito pra jogar aquela em um vídeo” (VERGARA, 2021). Para Bussunda, a estratégia era “transpor aquilo que era da aula para o vídeo, com a permissão do efeito, com a permissão da música, com a permissão do meme” (ROSA, 2021). O professor Walter traz uma importante reflexão sobre a integração entre ensino e comunicação midiática ao dizer que: “da mesma forma que o professor não pode banalizar o trabalho do historiador, eu acho que seria legal ele também não banalizar o trabalho do comunicador. Porque, mais do que nunca, a gente precisa dessas habilidades de comunicadores dentro do YouTube” (SOLLA, 2021).

Quanto a função didática e dos conhecimentos disciplinares que são mobilizados nas videoaulas de História do YouTube, os professores entrevistados diferenciam de maneira

categoriza esse ensino não-formal, midiático e audiovisual e o ensino formal escolar. A professora Anelize tem consciência de que são formas diferentes e nem pretende que os vídeos do site sejam como as aulas do ensino básico. No entanto, ela afirma o compromisso de qualificar a divulgação do conhecimento histórico nas redes, assim como acredita que seu trabalho é um tipo de formação para esse conhecimento. Paralelamente, ela diz que há uma falta de controle e avaliação do processo didático, fruto da falta de contato, já que o feedback das videoaulas é posterior a criação do conteúdo.

Para o professor Bussunda, a falta de interação física também é um ponto negativo e de grande diferença no trabalho para o YouTube. Assim, ensinar através das videoaulas de História torna-se uma atividade basicamente instrucional e pouco dialética. “Eu não discuto, eu lanço uma informação. [...] Lá eu não consigo estar gerando, no YouTube, essa reflexão, esse diálogo para chegar em um entendimento. E aí eu enxergo meu papel dentro do YouTube. Ele é de dar informação para quem procura informação” (ROSA, 2021). Sobre esse aspecto, Melo e Meneses dizem que:

No tempo condensado do espaço virtual, quanto maior a capacidade de síntese, mais ele atrai internautas. Isso interfere sobre como a narrativa histórica será organizada a partir de sínteses históricas cada vez mais reduzidas. [...] No vídeo, os acontecimentos são totalmente desprovidos da problemática, dos conflitos e dos dissensos em torno do conhecimento. Há apenas uma versão para essa história, os acontecimentos são estruturados como um dado bruto; simplesmente aconteceram e podem ser narrados como se fossem uma cena cotidiana observada pela autora; é um acontecimento encerrado em si (2021, p. 351-352).

Tanto para Anelize quanto para Bussunda, os dois professores observam perspectivas diferentes quanto ao conhecimento que circula no YouTube e as atividades que executam frente a esse conhecimento. Considerando a demanda social existente por vídeos educacionais, é importante afirmar que:

O acesso ao conteúdo disponibilizado pela internet transforma o aluno num ávido consumidor de informações, e diante da multiculturalidade informacional que é compartilhada no meio digital, esse indivíduo tende a percorrer superficialmente o conhecimento disponível. Nessa perspectiva, abre-se um mar de possibilidades para que o professor possa desenvolver suas práticas educativas voltadas para uma maior imersão em determinados temas, que reforcem a curiosidade epistemológica do aluno (MOTA; MELO; ANDRADE, 2019, p. 11).

Walter demonstra que muitos professores que produzem videoaulas tem um conflito quanto a didatização do conhecimento histórico e o aprofundamento dele:

Essa preocupação [com o conteúdo] é tão grande, que ela muitas vezes faz com que o professor não se preocupe em nada com a qualidade visual propriamente dita. Aí o professor grava essa aula no corredor da casa dele, com um eco desgraçado. O aluno

não vai conseguir ficar 30 minutos prestando atenção no que o professor está falando. A aula não é ruim, tudo o que o professor está falando é massa. Mas o professor está muito preso a essa questão (SOLLA, 2021).

Os estudos sobre o ensino de História por mídias sociais digitais observam os limites e possibilidades entre as estratégias de comunicação, apelo ao público e sintetização do conhecimento histórico. Aprofundar ou não aquilo que está sendo exposto, trazer determinados recursos didáticos ou fontes históricas, adaptar e redefinir a narrativa do discurso, entre muitas outras ações, pode ratificar o trabalho docente através da experiência no processo criativo das videoaulas:

Dada a sua condição de produto, uma vez que precisa de uma audiência disposta a interagir com eles, os vídeos efetivam dois aspectos que se interrelacionam de maneira inseparável: precisam ser, ao mesmo tempo, conteúdo didático e entretenimento. [...] Se em sala tempos “audiência cativa”, reunida a partir de uma estrutura disciplinar, de tempo e conteúdo, que lhes apresenta poucas alternativas de burla, nela a ideia de conteúdo como entretenimento raramente é cogitada; fora daquele espaço, essa dimensão será fundamental para que o canal se sobreponha a outros como referência (MELO; MENESES, 2021, p. 350).

A relação entre a didática e o entretenimento parece mesmo ser o grande mote que guia a metodologia do ensino de História no YouTube, pois é ela quem estabelece as regras do jogo e determina as posições de cada peça. Assim, as narrativas históricas são compostas condicionadas por uma lógica que as transformem em discursos palatáveis, facilmente digeridos e processados. As videoaulas, ainda que se coloquem como produções alternativas ao que é visto no ensino formal escolar, possuem conteúdos que as aproximam do ensino de uma História tradicional e seus elementos característicos. Assim, a principal diferença oferecida pelas aulas dos Professores Youtubers seriam as narrativas compostas por elementos comunicacionais mais próximos dos jovens (MELO; MENESES, 2021, p. 357):

A preocupação estaria centrada nos possíveis formatos narrativos, artísticos e midiáticos vistos como mais eficientes para alcançar um maior número de pessoas (SANTHIAIGO, 2016). Uma discussão onde se ressalta a necessidade e a diversidade de possibilidades de divulgação do conhecimento histórico, mas também os possíveis e diversos formatos de entretenimento histórico (AROSA, 2019, p. 4).

Considerando que o YouTube se apresenta como armazenador de conteúdo audiovisual online e também desfruta de seu formato de rede social digital, há um certo padrão nos vídeos de ensino de História disponíveis na plataforma:

As aulas encontradas no YouTube obedecem a uma metodologia essencialmente expositiva [...]. As narrativas históricas analisadas também seguiram esse padrão de oralidade que direciona e move os sentidos da explicação do tema, fazendo surgir ou tendo sua fala atravessada por instrumentos de edição. Assim, o discurso ganha plasticidade, pois costura imagens, sons e pequenos outros textos que surgem na tela.

O conhecimento histórico escolar ganha contextos da mídiatização digital, se utiliza da linguagem audiovisual e mobiliza a atenção dos alunos por signos que mesclam entretenimento, hipertexto e estratégias didáticas. (ROCHA; ANDRADE, 2022, p. 148).

Segundo Souza et al. (2020, p. 15), existe uma relação transdisciplinar entre o conhecimento histórico e a vida prática, onde a História serve de orientadora sociocultural da vida humana. Assim, podemos então pensar quais relações epistemológicas e didáticas da História são possíveis e estão disponíveis para os Professores Youtubers:

Quando se trata de ensino, é necessário ir além do “pensar histórico”, é preciso construir conhecimento histórico (RUSEN, 2015) e, no caso dos profissionais de história que utilizam o YouTube, é preciso construir tal conhecimento através de uma tela e a partir dos recursos que a plataforma oferece (SOUZA et al., 2020, p. 15).

Melo e Meneses, utilizando os estudos de Peter Lee sobre aprendizagem histórica, afirmam que a História ensinada no YouTube não conduz ao pensamento histórico, pois não trabalha e nem conecta conceitos e ideias complexas sobre a própria epistemologia e reflexões históricas (2021, p. 354).

Pensando na História ensinada dentro do espaço escolar, Monteiro demonstra um aspecto importante dos saberes docentes que são mobilizados no ato de ensinar, e que acreditamos que também esteja inserido na prática dos Professores Youtubers:

Os professores elaboram narrativas expressas no discurso oral, ou no conjunto das propostas de atividades a serem realizadas pelos alunos, narrativas essas que configuram, através dos conteúdos selecionados, e das explicações apresentadas, o resultado de um processo de didatização e de axiologização inerentes ao trabalho educativo, partes integrantes e fundamentais do processo de constituição do saber escolar (MONTEIRO, 2010, p. 102).

A autora afirma que a História escolar é constantemente reinventada a cada aula, através de seus contextos e situações específicas, fazendo interagir elementos trazidos pelos professores, alunos e instituições. Não ocorreria, então, um processo similar na plataforma do YouTube? Observamos o estabelecimento de determinadas condições e formatos que são levados em consideração pelos Professores Youtubers, que arregimentam seus trabalhos de acordo com uma lógica particular do YouTube. O público, geralmente estudantes de diversas características e formas de acesso ao site, consome as videoaulas também seguindo determinados aspectos socioculturais típicos das mídias sociais digitais.

A mistura de todos esses sujeitos, cenários e contextos poderia criar novas interpretações para o ensino e aprendizagem do conhecimento histórico? Ainda segundo a autora, “esses atores [professores e alunos] estão imersos no mundo, ou seja, numa sociedade dada, numa época dada,

em que as subjetividades expressam e configuram representações que, por sua vez, interferem na definição das opções que orientam sentidos atribuídos aos acontecimentos (MONTEIRO, 2010, p. 106). Portanto, observamos que o trabalho dos Professores Youtubers segue as linhas da comunicação midiática da cultura digital, apresentando novas relações com o conhecimento histórico através dos desafios do tempo presente.

4. Considerações finais

O conhecimento histórico tem sido produzido e disseminado através das estruturas e signos comunicacionais da cultura digital, assim como tradicionalmente se seguiu por outras mídias e espaços analógicos de interação através das décadas. Devemos, portanto, buscar entender as condições e os elementos para sua construção nas sociedades contemporâneas conectadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação, da qual o YouTube faz parte e é uma das mídias de maior alcance e relevância sociocultural.

Milhões de jovens estudantes procuram a internet como fonte de informação e instrução, seja por fontes hipertextuais ou audiovisuais. As videoaulas, os podcasts, os resumos e demais materiais de cunho educacional são facilmente rastreáveis nas redes e de grande importância para o cotidiano escolar. É fortuito atender a essa demanda e compreendê-la de maneira efetiva, analisando as vias de acesso aos saberes disciplinares, entre eles o conhecimento histórico escolar. Os novos contextos que cercam a educação contemporânea movem também o ensino e aprendizagem através das mídias digitais e quais novas configurações são constituídas a partir delas, suas aproximações e distanciamentos com a cultura escolar:

Podemos dizer que a configuração temporal articulada na internet dissolve o modelo cronológico predominante no espaço escolar e abre possibilidades de interações totalmente diferentes. Há outro aspecto: se em sala de aula o tempo disciplinar da hora-aula predomina, no espaço público, o tempo tem a flexibilidade tanto daquele que procura o conteúdo como daquele que o oferece (MELO; MENESES, 2021, p. 351).

Dessa forma, é preciso também questionar como professores e alunos mobilizam seus conhecimentos sobre a História e quais sentidos esses sujeitos dão ao estudo das relações humanas através do tempo. Por isso, é fundamental conceituar os Professores Youtubers como profissionais docentes, dotados de saberes e experiências advindas do espaço escolar e que operam nas mídias sociais digitais, produzindo materiais audiovisuais, integrando estratégias didáticas aos mecanismos e técnicas da comunicação, mobilizando o conhecimento histórico escolar através do ensino não formal disponibilizado nas redes.

Portanto, o Professor Youtuber é um indivíduo que atua nas fronteiras de universos distintos, com lógicas e procedimentos particulares, porém que se aproximam em muitas ocasiões do cotidiano de inúmeros indivíduos da contemporaneidade. Possuem formação em História, passaram por experiências em sala de aula, cursos pré-vestibulares etc.; iniciaram gravando videoaulas no YouTube contando com nenhum ou pouco conhecimento sobre técnicas de produção audiovisual, contaram ou não com assessoria, mas através desse trabalho, aprenderam sobre algoritmos, edição, cortes, sons e outras formas de mixagem e pós-produção. Tornaram-se celebridades, figuras conhecidas e, por consequência, referências com credibilidade intelectual para seus públicos. Assim, pela capacidade de mobilização da opinião pública nas redes, constância na produção de vídeos, atuação multimídia, estratégias de engajamento, converteram-se em influenciadores digitais, ainda que alguns observem esse termo com certa resistência.

Em seu campo de atuação, o Professor Youtuber de História privilegia constituir narrativas repletas de estratégias discursivas que promovam a didatização do conhecimento e o entretenimento midiático. Assim, os saberes docentes são viabilizados por ferramentas de comunicação que possibilitem o público consumir mais facilmente as informações contidas nos vídeos. Diante desse cenário de instrução e diversão, é necessário compreender como funciona esse jogo de pesos e contrapesos, que podem se complementar ou interferir mutuamente. Desse modo, há muitos outros questionamentos que a pesquisa acadêmica pode e deve fazer a esses sujeitos que promovem o conhecimento histórico além das fronteiras da escola.

Referências

- AROSA, G. A história pública e digital como ponto de partida para questionar o uso do YouTube no ensino de história. *Revista Encontros*, v. 17, n. 33, p. 2-16, 2019.
- ARRUDA, E. P. Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente. *Revista Educação*, v. 36, n. 2, p. 232-239, maio/ago. 2013.
- BERNARDAZZI, R. COSTA, M. H. B. V. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. *Communicare*, São Paulo, v. 17 – Edição Especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, p. 146-160, set. 2017.
- BISPO, L. M. C.; BARROS, K. C. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de História. *Atos de Pesquisa em Educação*, 2016, vol. 11, no 3, p. 856-877.

BORGES, M. K; KAMIGOUCI, T. H. M. Do Youtube à escola: transformações nas práticas docentes dos professores de história, provocadas pelo acesso de estudantes a conteúdos de história veiculados por youtubers. Media Education – Firenze University Press. 2020.

CAMARGO, I. ESTEVANIM, M. SILVEIRA, S. C. D. Cultura participativa e convergente: o cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais. Comunicare, São Paulo, v. 17 – Edição Especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, p. 96-118, set. 2017

CARLÓN, M. Contrato de fundação, poder e mediatização: notícias do front sobre a invasão do You tube, ocupação dos bárbaros. MATRIZES, v. 7, n. 1, p. 107-126, 5 jun. 2013.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. Comunicare, São Paulo, v. 17 – Edição Especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, p. 46-61, set. 2017.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de história: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. 2ª edição.

MOTA, M. F; MELO, L. J. F; ANDRADE, D. C. M. Seria o educador um digital influencer para a difusão de saberes na cultura ciber? II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber: Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura. Aracaju, novembro, 2019.

MOTTA, B. S.; BITTENCOURT, M.; VIANA, P. M. F. A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação–E-compós, Brasília 17, n. 3, 2014.

ROCHA, P. B.; ANDRADE, J. A. O que produzem os professores de história quando estão no YouTube? In: LEITE, P. G.; BORGES, C. C. L.; JUNIOR, A. M. S. (Orgs.) Ensino de História, Tecnologias e Metodologias Ativas: novas experiências e saberes escolares. João Pessoa: Editora CCTA, 2022. P. 135-152

SETTON, M. G. Mídia na educação. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, G. K. L. M. SOUZA, A. M. S. CARVALHO, A. L. OLIVEIRA, M. M. D. O papel do conhecimento histórico no YouTube. In: OLIVEIRA, G. G. S. ALVES, R. S. (Orgs.). História e Historiografia: experiências de pesquisa. Sobra: Sertão Cult.

Sobre o autor:

Pedro Botelho Rocha: Professor da rede privada de ensino desde 2013, possui atuação em cursos na Zona da Mata Norte (Carpina e Nazaré da Mata), Caruaru e Região Metropolitana do Recife. Licenciado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especialista em Metodologias Ativas e Prática Docente pela UNIBF e Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Pernambuco (PROFHISTÓRIA - UFPE). Tem como áreas de interesse: Ensino de História, Educação Digital, Metodologias Ativas, Tecnologias Educacionais.

Artigo recebido para publicação em: 20 de janeiro de 2023.

Artigo aprovado para publicação em: 05 de maio de 2023.

Como citar:

ROCHA, Pedro Botelho. O que significa ser um professor youtuber de história? Apontamentos sobre atividade docente, práticas e visualidades para o ensino de história no Youtube *Revista Transversos*. Dossiê: Por uma cidadania digital: ensino de história e novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Desafios e possibilidades. Rio de Janeiro, n°. 27, 2023. pp. 12-29. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/72659>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2023.72659.

